

FAMÍLIAS, ESTUDANTES E UNIVERSIDADE

— PAINÉIS DE OBSERVAÇÃO SOCIOGRÁFICA —

JOÃO FERREIRA DE ALMEIDA*
ANTÓNIO FIRMINO DA COSTA*
FERNANDO LUÍS MACHADO*

1. OBJECTIVOS, CONCEITOS, OPERACIONALIZAÇÃO

Qual é a origem social dos estudantes universitários, actualmente, em Portugal? Será significativamente diferente de curso para curso? Que expectativas e aspirações transportam esses estudantes quanto à frequência das respectivas escolas, quanto à profissão e quanto à sociedade? Como variam os seus valores e representações, segundo a classe social de origem, o trajecto social, o sexo, a idade, o curso frequentado?

Estas interrogações, e um conjunto mais vasto de questões conexas em que elas se inserem, levaram a conceber e a lançar um inquérito por questionário a estudantes universitários portugueses, de modo a tentar obter algumas respostas parciais, complementares das que outras fontes e outros trabalhos têm vindo a produzir.

Um dos objectivos visados pelo levantamento de informação é o de construir um observatório sociográfico extensivo e permanente sobre os estudantes no ensino superior, o qual permita comparar alunos de cursos diferentes bem como estudantes de um mesmo curso ao longo do tempo. O resultado será o que chamámos painéis transversais e painéis diacrónicos de observação sociográfica. Se bem que o questionário tenha estado a ser aplicado a um leque variado de cursos e escolas¹, pretende-se agora apenas dar conta de alguns elementos obtidos a partir da sua aplicação às licenciaturas do ISCTE.

O projecto nasceu no âmbito da actividade da disciplina de Sociologia das Classes Sociais e da Estratificação, que faz parte do curso de Sociologia do Instituto, e de que os autores constituem a equipa docente². Trata-se de um nascimento a que inevitavelmente se associam objectivos pedagógicos e desde logo de treinar alunos no acompanhamento directo da obten-

* ICS/ISCTE/CIES.

Os autores, com base neste artigo, apresentaram uma comunicação, com o mesmo título, ao 1.º Congresso Português de Sociologia, realizado em Lisboa, em Janeiro de 1988.

ção e da crítica de material sociológico empírico de primeira mão. De uma forma mais geral, o trabalho produzido tem permitido a constituição de um banco de dados instrumental para o exercício de operacionalizar conceitos, debater hipóteses e analisar informação no quadro da problemática das classes e da estratificação. Ele vai ainda possibilitando, por outro lado, o aperfeiçoamento de um ângulo específico de observação, que supomos fecundo, de diversas dimensões da realidade portuguesa contemporânea. À medida que se obtêm resultados, eles ficam igualmente disponíveis, aliás, para a utilização noutras cadeiras do curso de Sociologia do ISCTE³ e noutros projectos de investigação⁴.

O objecto de estudo deste inquérito desdobra-se em torno da caracterização de classe dos estudantes do ensino superior, da caracterização de algumas dimensões dos seus sistemas de valores e representações, e das correlações entre estes dois grandes blocos de atributos sociais dos estudantes inquiridos. A análise aprofundada dos resultados pode contribuir para o exame de questões como a do lugar das instituições de ensino superior e da importância dos seus graduados nos processos de recomposição dos sistemas sociais contemporâneos, ou, a um nível mais específico, dos respectivos papéis nos fluxos de mobilidade e nos processos de reprodução e de transformação da estrutura social e da matriz cultural do país.

Para a operacionalização daqueles dois blocos de conceitos (classes e representações) construiu-se um questionário bastante extenso. Incluí, na sua forma actual, um pouco mais de trezentas variáveis. Quase uma centena consiste em indicadores de inserção social do inquirido, de familiares e amigos, em várias dimensões — nomeadamente profissional, escolar, geográfica, etária, sexual —, visando operacionalizar conceitos de classe, de origem social, de trajectória e de rede de relacionamentos de classe.

Toda a restante bateria de indicadores procura captar aspectos dos sistemas de representações sociais dos estudantes, desde avaliações de posicionamento em escalas de estratificação e em círculos de pertença até hierarquias de valores e conjuntos de expectativas, aspirações e orientações de vida, passando por representações sobre variados domínios (arte e ciência, instituições e meios sociais, clivagens sociais e critérios de justiça social, legitimidade política e futuro do país, entre outros)⁵. Mais do que obter informação sobre segmentos específicos de representações, presidiu à construção do questionário o intuito de captar eixos básicos de estruturação dos sistemas de representações dos estudantes. Não é possível, nem sequer aproximadamente, dar conta de todos estes aspectos num primeiro artigo. Escolhemos apresentar aqui apenas um conjunto de variáveis mais directamente respeitantes a opções e representações sobre as licenciaturas e as correspondentes profissões.

É particularmente controversa, como se sabe, a questão da qualificação de classe dos estudantes. Para além dos problemas gerais que a teoria debate, surgem aqui, com efeito, dificuldades específicas. Uma delas resulta, simplesmente, de serem em geral jovens, isto é, de o respectivo tra-

jecto futuro ser virtualmente bem mais significativo e caracterizador do ponto de vista de classe que o segmento que para trás deixaram. A maioria não está sequer ainda a desempenhar actividade profissional. No caso específico dos estudantes, porém, acresce que eles se inserem no quadro da instituição que, em termos de expectativas partilhadas que os factos nunca desmentem em absoluto, funciona como o grande nivelador pelo mérito, como o instrumento por excelência da igualdade de oportunidades, como o promotor de mobilidades: a escola. Mesmo a respeito dos estudantes-trabalhadores universitários se pode supor, portanto, ser provisório e secundário o respectivo estatuto profissional e prováveis futuras reconversões das situações socioprofissional e classista, resultantes de eventual êxito na obtenção do diploma.

Este tipo de problemas, e outros análogos, contribuíram para que, na bibliografia recente sobre as classes sociais, se viesse a desenvolver e clarificar a distinção entre pertença de classe e origem de classe. Contribuíram, também, para que se viesse a elaborar e a utilizar conceitos como o de trajectória social (incluindo os segmentos passado, presente e futuro virtual), como o de rede de relacionamentos sociais de classe e como o de famílias de classe. No mesmo sentido se desenvolveu a ideia da pertinência da utilização do grupo doméstico como unidade de análise no estudo das classes sociais⁶.

Apresentam-se aqui dados respeitantes às origens sociais dos estudantes das três licenciaturas do ISCTE, fazendo-se a caracterização em termos de classe (e fracção de classe) do grupo doméstico de origem. Por sua vez, as variáveis compostas «fracção de classe» e «classe» do pai e da mãe do inquirido foram construídas a partir das variáveis primárias principais «situação na profissão» e «profissão» e das variáveis primárias complementares «escolaridade», «posição hierárquica», «dimensão da empresa», «ramo de actividade». Apresentam-se também dados respeitantes a variáveis adicionais de caracterização social, tais como «escolaridade» do pai e da mãe, «escalão etário» e «sexo» do inquirido. Muitas outras ficaram, de momento, por tratar.

Num plano muito geral, partiu-se de uma concepção multidimensional da estrutura de classes enquanto «sistema de diferenças sociais presentes na estruturação de uma pluralidade de práticas socialmente relevantes»⁷, com a conseqüente flexibilidade do conceito de classe, consoante os campos de práticas e de representações em análise e consoante cada objecto de estudo em particular. Em termos um pouco mais especificados, fez-se apelo a algumas referências enquadradoras centrais para o estabelecimento de uma matriz de dimensões básicas do conceito. Incluem-se aqui as que propõem a consideração tanto de propriedades objectivadas como de propriedades incorporadas, num espaço social com três dimensões predominantes (volume das diversas formas de capital, respectiva estrutura, trajectória social), em que os capitais podem ser de vários tipos (económico, cultural,

social), e com dimensões secundárias de relevância variável, tais como a idade, o sexo ou a localização geográfica⁸. Incluem-se também as que se baseiam em distribuições tridimensionais de recursos nas relações de produção: recursos económicos (meios de produção), recursos organizacionais (autoridade hierárquica, enquadramento) e recursos de qualificação (diplomas, competências profissionais)⁹.

A tipologia de classes e fracções de classe construída é a indicada na Tabela 1.

TABELA 1

Tipologia das classes e fracções de classe

Burguesia (B)	Burguesia Empresarial e Proprietária (BEP)
	Burguesia Dirigente e Profissional (BDP)
Pequena-Burguesia (PB)	Pequena-Burguesia Técnica e de Enquadramento (PBTE)
	Pequena-Burguesia de Execução (PBE)
	Pequena-Burguesia Proprietária (PBPR)
	Campeinato (C)
	Campeinato Parcial (CP)
	Pequena-Burguesia Assalariada e Proprietária (PBAP)
	Pequena-Burguesia Parcial (PBP)
Operariado (O)	Operariado Industrial (OI)
	Operariado Agrícola (OA)
	Operariado Parcial (OP)
	Operariado Industrial e Agrícola (OIA)

Manteve-se uma estrutura tripartida básica das classes sociais em consonância com algumas das mais importantes tipologias propostas na bibliografia recente¹⁰. O desdobramento em fracções de classe permite comparações com tipologias construídas segundo lógicas parcialmente diversas¹¹.

Na base da construção da tipologia estiveram assim presentes: a) os

fundamentos teóricos mencionados (dimensões básicas do conceito de classe); b) preocupações de comparabilidade com outros estudos (e a consequente cumulatividade de conhecimentos); c) atenção às actuais tendências de reconfiguração da estrutura de classes (incluindo a importância crescente de novas fracções de classe e as oscilações quanto ao posicionamento relativo e ao reagrupamento de algumas delas).

Sublinhe-se que se trata de uma tipologia a testar, nesta e noutras pesquisas. Não faz sentido considerar uma tipologia de classes, por mais teoricamente bem fundada que seja, nem como única nem como definitiva. As dimensões retidas dependem, em parte, do objecto de estudo; a elaboração e a aplicação empírica originam reconceptualizações; a realidade social é movente, impondo reajustamentos e reformulações.

Para a caracterização do lugar de classe de cada indivíduo, utilizou-se a seguinte matriz de conversão, a partir das duas variáveis primárias básicas «situação na profissão» e «profissão»¹².

TABELA 2

Matriz de construção dos lugares de classe dos indivíduos

Grupos de profissões	Situação da profissão		Patrões	Isolados	Assalariados
0/1 Profissões científicas, técnicas e artísticas			BEP	BDP	PBTE
2. Directores e quadros superiores			BEP	BDP	BDP
3. Pessoal administrativo	3.0, 3.5 outros	BEP	PBPR		PBTE
					PBE
4. Pessoal do comércio	4.0, 4.1, 4.2 outros	BEP	PBPR		PBTE
					PBE
5. Pessoal dos serviços	5.0, 5.1 outros	BEP	PBPR		PBTE
					PBE
6. Agricultores	6.0 outros	BEP	C		PBTE
					OA
7. Trabalhadores da indústria e dos transportes	7.0 outros	BEP	PBPR		PBTE
					OI

Com base na caracterização do lugar de classe de cada indivíduo (no caso dos dados apresentados neste artigo, o pai e a mãe do inquirido), construiu-se nova matriz para obter a caracterização de classe do grupo doméstico de origem (mais precisamente, do núcleo conjugal do grupo doméstico de origem) de cada estudante.

TABELA 3

Matriz de construção dos lugares de classe dos grupos domésticos

H \ M	BEP	BDP	PBTE	PBE	PBPR	C	OI	OA
BEP	BEP	BEP	BEP	BEP	BEP	BEP	BEP	BEP
BDP	BEP	BDP	BDP	BDP	BDP	BDP	BDP	BDP
PBTE	BEP	BDP	PBTE	PBTE	PBAP	CP	PBTE	PBTE
PBE	BEP	BDP	PBTE	PBE	PBAP	CP	OP	OP
PBPR	BEP	BDP	PBAP	PBAP	PBPR	CP	PBP	PBP
C	BEP	BDP	CP	CP	CP	C	CP	CP
OI	BEP	BDP	PBTE	PBP	PBP	CP	OI	OIA
OA	BEP	BDP	PBTE	PBP	PBP	CP	OIA	OA

Nos casos em que o lugar de classe do pai e da mãe é diferente, quando tomados individualmente, o critério retido foi, grosso modo, o da contribuição provavelmente mais decisiva, em recursos de vária ordem (material e simbólica), para o grupo doméstico. Na maioria das vezes, tal critério conduziu à atribuição, ao grupo doméstico, da fracção de classe de um dos seus membros, independentemente do respectivo sexo. Há, no entanto, algumas situações híbridas, em que não é nítida a predominância de um dos lugares de classe individuais. Além disso, parecem configurar, presentemente, situações de classe autonomizáveis, com especificidade própria e contornos delimitáveis. Nesses casos propõem-se categorias de fracção de classe «compostas» e «parciais» (PBAP, CP, PBP, OP, OIA), na linha aliás da já vasta e comprovada utilização da categoria de campesinato par-

cial na análise da sociedade portuguesa¹³. Por último, nos grupos domésticos em que um dos elementos do núcleo conjugal pertence à pequena burguesia de execução e o outro ao operariado, situação em que a aplicação da tipologia classificatória é particularmente complicada visto que as assimetrias quanto a recursos são reduzidas e têm sentidos variáveis, pareceu pertinente, no contexto actual da sociedade portuguesa, tomar como critério operativo o da provável maior importância do lugar de classe do elemento do sexo masculino. Deste modo, nuns casos, estes grupos domésticos foram incluídos na pequena-burguesia parcial e noutros, no operariado parcial.

Em alguns quadros e análises utilizou-se uma agregação de várias fracções da pequena-burguesia. Por um lado, à PBE juntou-se a PBP, fracção de classe esta em que o elemento do sexo masculino do núcleo conjugal do grupo doméstico é da PBE. Construiu-se assim a pequena-burguesia de execução em sentido amplo (PBEA). Por outro lado, juntaram-se todas as fracções da pequena-burguesia com alguma ligação à pequena propriedade, designando o somatório por pequena-burguesia proprietária em sentido amplo (PBPR).

Assim: $PBEA = PBE + PBP$

$PBPR = PBPR + PBAP + C + CP$

O texto que se segue é essencialmente de carácter sociográfico. Está organizado em dois tipos de painéis. Os «painéis transversais» estabelecem comparações entre os cursos de Gestão, Sociologia e Antropologia¹⁴. Os «painéis diacrónicos» incidem sobre três anos de aplicações sucessivas do questionário na licenciatura de Sociologia¹⁵.

2. PAINÉIS TRANSVERSAIS

Há estudantes do ISCTE originários de todas as classes e fracções de classe. No entanto, o peso de cada uma delas é significativamente diferenciado. Além disso, a estrutura das origens de classe difere igualmente de licenciatura para licenciatura. É o que se pode observar no Quadro 1.

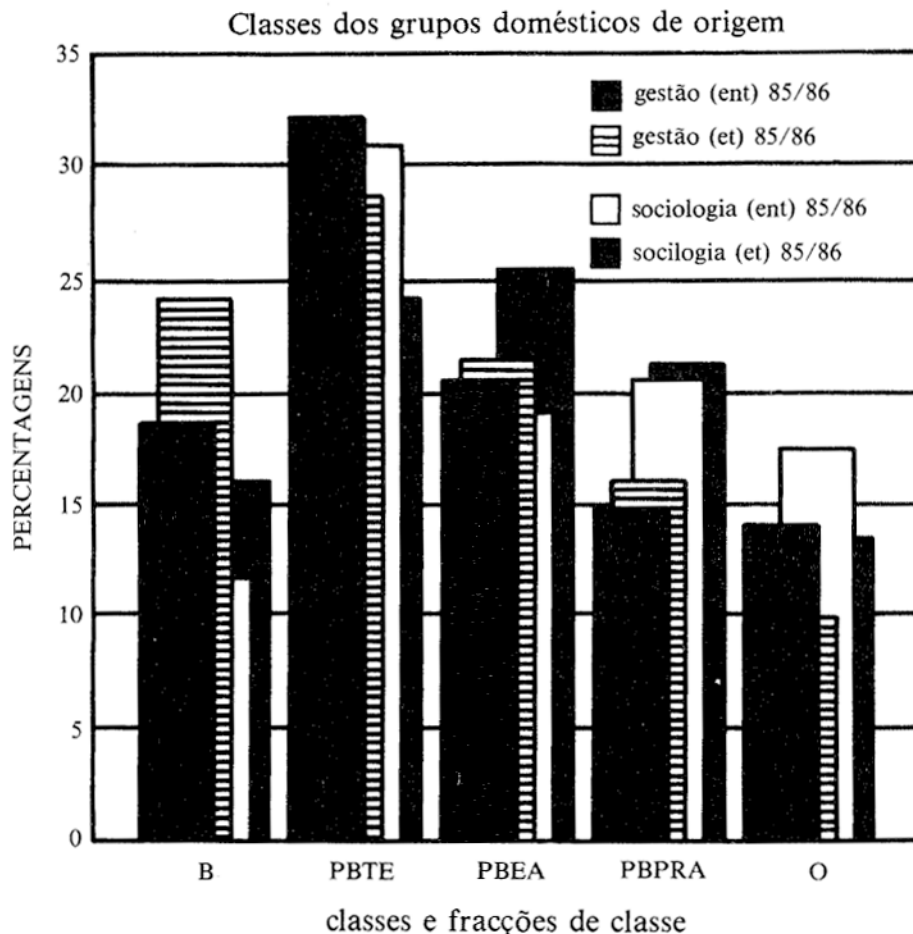
QUADRO 1

**Classe dos grupos domésticos de origem
dos estudantes do ISCTE**

Classes e frações de classe		Licenciaturas		Gestão 85/86		Sociologia 85/86		Antropologia 87/88		Total	
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Burguesia	BEP	42	12,6	16	11,1	1	3,4	59	11,6		
	BDP	27	8,1	4	2,8	—	—	31	6,1		
		69	20,7	20	13,9	1	3,4	90	17,8		
Pequena-burguesia	PBTE	103	30,8	40	27,8	13	44,8	156	30,8		
	PBE	62	18,6	24	16,7	6	20,7	92	18,1		
	PBPR	23	6,9	14	9,7	6	20,7	43	8,5		
	C	11	3,3	5	3,5	—	—	16	3,2		
	CP	1	0,3	2	1,4	—	—	3	0,6		
	PBP	7	2,1	8	5,6	—	—	15	3,0		
	PBAP	16	4,8	9	—	1	3,4	26	5,1		
	223	66,8	102	70,8	26	89,6	351	69,2			
Operariado	OI	27	8,1	14	9,7	2	6,9	43	8,5		
	OA	3	0,9	1	0,7	—	—	4	0,8		
	OP/OIA	12	3,6	7	4,9	—	—	19	3,7		
		42	12,6	22	15,3	2	6,9	66	13,0		
Total		334	100,1	144	100,0	29	99,9	507	100,0		

Várias ilações se podem extrair destes valores.

Em primeiro lugar, constata-se que uma percentagem esmagadora dos estudantes que frequentam as licenciaturas do ISCTE têm pais localizáveis, em termos de classe, na pequena-burguesia. E, dentro desta, sobressai a pequena burguesia técnica e de enquadramento. Sabe-se como, para as classes médias, o sistema escolar (e, em particular, a universidade) tem constituído um dos pilares das estratégias de reprodução e, se possível, de mobilidade social ascendente. Isto é particularmente importante nos sectores da pequena-burguesia detentores de diplomas universitários, de competências técnicas e de poderes de enquadramento. Também nas licenciaturas



do ISCTE, o maior quantitativo de estudantes (na ordem dos trinta a quarenta por cento do total) provém desta fracção de classe. No conjunto, os estudantes de Gestão, Sociologia e Antropologia orientam-se, em termos de trajectória, para inserções profissionais a que as licenciaturas dão acesso e que são, elas próprias, características da pequena-burguesia técnica e de enquadramento ou, em alguns casos, da burguesia.

Em segundo lugar, importa assinalar que não são insignificantes os efectivos de estudantes com origem social quer no operariado quer nas fracções geralmente mais desprovidas de recursos da pequena-burguesia. Esta observação é consistente com a hipótese de que a universidade não é alheia a múltiplos trajectos de mobilidade individual que sem dúvida contribuíram, eles próprios, para as significativas alterações globais na composição da população activa e na estrutura classista da sociedade portuguesa, ao longo das últimas décadas.

Em terceiro lugar, apesar do que acaba de ser dito, a desigualdade de oportunidades e de destinos sociais parece continuar a ser um facto pesado. Se compararmos a proporção de estudantes oriundos de cada uma das várias classes e fracções de classe nas licenciaturas do ISCTE com a pro-

porção dessas classes e fracções de classe no conjunto da população portuguesa, as assimetrias são manifestas¹⁶. De realçar a notavelmente superior probabilidade de a pequena burguesia técnica e de enquadramento ter filhos nas licenciaturas do ISCTE comparativamente com a generalidade das outras classes e fracções. Mesmo a burguesia, também muito sobre-representada, apresenta valores algo inferiores.

Em quarto lugar, há diferenças entre as licenciaturas. O número reduzido de inquiridos em Antropologia não autoriza interpretações muito seguras. Mas comparando no Quadro 1 os valores para Gestão e Sociologia, observa-se uma tendencial maior presença da origem de classe burguesa e menor presença da origem de classe operária no primeiro curso. Saliente-se, no entanto, que as diferenças não são enormes e que, em ambas as licenciaturas, o grosso dos efectivos (da ordem dos setenta por cento) tem origem pequeno-burguesa.

No ISCTE, as licenciaturas funcionam em termos diurnos e nocturnos, sendo estes últimos frequentados por estudantes-trabalhadores¹⁷. Haverá diferenças assinaláveis entre a origem de classe destes últimos e a dos outros estudantes? O gráfico da p. 19 dá conta dessa variação.

Mais do que conclusões, o gráfico permite equacionar várias interrogações. Em que medida estará a maior presença de oriundos da burguesia nos estudantes-trabalhadores relacionada com a não linearidade da conversão do capital económico em capital escolar? Traduzir-se-á essa parcial descoincidência — numa classe em que as possibilidades de conversão recíproca destas duas formas de capital são, em princípio elevadas — em modalidades diversas, desde a da menor premência dos estudos universitários para a viabilização de estratégias de reprodução social, até à das dificuldades de equacionamento e de concretização de um percurso de escolarização universitária por parte de segmentos da burguesia com capitais económicos e escolares comparativamente menores, passando pela da possibilidade de mobilização de recursos para uma reconversão tardia de trajectórias individuais? Por que é que tanto os estudantes-trabalhadores como os outros, com origem em fracções de classe pequeno-burguesas com alguma ligação à pequena propriedade individual, têm maior presença no curso de Sociologia que no de Gestão? O peso superior de oriundos do operariado nos turnos diurnos significará que, nesta classe, os esforços individuais e familiares postos numa trajectória de escolarização universitária têm um período particularmente restrito de viabilidade, em comparação com outras classes e fracções de classe?

Aliás, toda a questão dos estudantes-trabalhadores se liga, em termos de classe, ao tema das trajectórias de escolarização e de classe interrompidas e ao tema das estratégias de reconversão social, merecendo tratamento específico desenvolvido, a realizar noutra ocasião. O trabalho durante o percurso estudantil tem em todo o caso estatutos suficientemente diferenciados para não dever induzir explicações simples. Esquemáticamente, e a título de exemplo, é possível distinguir o trabalhador-estudante profissio-

nalizado de forma estável, para quem o curso representa um instrumento indispensável de mobilidade virtual, do trabalhador-estudante, cujo emprego — transitório, e possivelmente mais fácil de obter por influência e conhecimentos da respectiva família — tem essencialmente a ver com uma estratégia de independência pessoal e não com uma inevitabilidade de sobrevivência. As origens de classe num e noutro destes casos-tipo seriam, evidentemente, elas também diversas.

Nas sociedades contemporâneas, a escolaridade tem vindo a constituir um parâmetro cada vez mais importante da estruturação do espaço social das classes, quer através das repercussões que tem na divisão social do trabalho, quer enquanto componente fundamental — embora não exclusiva — do capital cultural e, portanto, dos estilos de vida, quer ainda como vector especificamente estruturante das trajectórias sociais. Ter em conta esta dimensão de escolaridade é particularmente relevante quando os objectivos de análise se relacionam, eles próprios, com o campo educativo.

No estudo das origens sociais dos estudantes do ISCTE, procurou-se saber os níveis de escolaridade (completa ou incompleta) do pai e da mãe de cada inquirido. Os resultados estão indicados no Quadro 2.

QUADRO 2

Escolaridades dos pais e das mães, por curso (%)

Licenciaturas	Gestão 85/86		Sociologia 85/86		Antropologia 87/88	
	P	M	P	M	P	M
Não sabe ler nem escrever	3,7	6,8	4,2	6,8	3,4	—
Sabe ler e escrever	2,8	4,6	4,2	8,2	—	3,4
Ensino básico primário	29,8	43,7	42,3	46,6	31,0	37,9
Ensino básico preparatório	8,1	7,1	10,6	8,2	6,9	13,8
Ensino secundário unificado	15,2	9,6	9,9	8,2	13,8	6,9
Ensino secundário complementar e 12.º ano	13,0	11,1	12,7	8,9	10,3	6,9
Ensino médio	8,7	8,7	2,8	8,2	6,9	10,3
Ensino superior	18,6	8,4	13,4	4,8	27,6	20,7
Total	99,9	100,0	100,1	99,9	99,9	99,9

Destes resultados salta imediatamente à vista o elevado quantitativo e o grande peso percentual de trajectórias intergeracionais de mobilidade escolar ascendente, e mesmo fortemente ascendente, nos estudantes do ISCTE. Trata-se de um fenómeno social de inegável importância. Uma esmagadora maioria dos futuros licenciados por esta escola transporta consigo uma trajectória familiar passada de baixa ou, quando muito, média escolarização. De facto, 81,3% dos pais e 91,6% das mães dos alunos de Gestão, 86,7% dos pais e 95,1% das mães dos alunos de Sociologia e 72,3% dos pais e 79,2% das mães dos alunos de Antropologia nunca frequentaram a universidade, ao contrário dos seus filhos. Mais ainda, grande parte deles não chegou a ultrapassar o ensino primário.

No entanto, este é o aspecto que a questão assume quando vista pela banda das trajectórias sociais dos estudantes individualmente considerados. Se noutra óptica de análise se comparar agora a estrutura de distribuição dos pais e das mães dos alunos do ISCTE pela hierarquia dos níveis de escolaridade com a mesma estrutura de distribuição para a população do país com idade igual ou superior a quarenta anos, constata-se que as proporções respectivas são semelhantes apenas para o ensino primário. Já os pais e mães que não têm escolaridade formal estão muito sub-representados e, pelo contrário, os que frequentaram o ensino preparatório e secundário e, sobretudo, o ensino médio e superior, estão claramente sobre-representados neste conjunto de grupos domésticos com filhos no ISCTE¹⁸. Ou seja, as probabilidades de colocação de filhos em cursos superiores, é sem dúvida verosímil que continuem, tal como no ISCTE, a ser muito desigualmente distribuídas pelo conjunto da população, e em relação inversa com o capital escolar dos pais.

Estes dois pontos de vista complementam-se, ao darem conta, por um lado, de tendências pesadas de reprodução da estrutura de desigualdades da distribuição do capital escolar, e por outro, de movimentos que actualmente transformam esse campo, observados num lugar onde os processos de mudança se projectam com particular intensidade.

Comparando Gestão com Sociologia, os pais e mães dos estudantes do primeiro curso são em média mais escolarizados. No conjunto dos cursos, as mães são, em geral, menos escolarizadas que os pais. A assimetria é mais pronunciada em Gestão e menos em Antropologia.

O Quadro 3 mostra como se distribuem os grupos domésticos de origem quanto aos níveis de escolarização combinados dos elementos dos respectivos núcleos conjugais¹⁹.

QUADRO 3

Percentagem de cada tipo de grupo doméstico,
segundo as escolaridades combinadas de pai e mãe

		MÃES								
		Não sabe ler nem escrever	Sabe ler e escrever	Primário	Preparatório	Secundário Unificado	Secundário Complementar	Médio	Superior	
PAIS	Não sabe ler nem escrever	1,9	0,5	1,2	0,2	—	—	0,2	—	3,9
	Sabe ler e escrever	0,2	1,6	1,1	—	—	—	—	—	2,8
	Primário	3,1	3,1	25,6	1,1	0,6	0,6	0,2	—	34,3
	Preparatório	0,2	0,3	5,7	1,4	0,3	0,3	0,6	—	8,8
	Secundário Unificado	—	0,2	5,6	1,7	3,6	0,8	0,9	0,3	13,0
	Secundário Complementar	0,2	0,5	3,3	2,0	0,9	3,6	1,4	0,6	12,4
	Médio	0,3	0,2	1,1	0,3	1,4	1,6	2,5	0,2	7,4
	Superior	0,2	—	1,6	0,2	2,5	2,9	2,9	7,1	17,4
		5,9	6,2	45,1	6,8	9,3	9,7	8,7	8,2	100,0

Várias indicações se podem extrair deste quadro. Os valores abaixo da diagonal principal são em geral maiores que os acima dela, o que corrobora a tendencial maior escolaridade dos pais em comparação com as mães, em cada grupo doméstico. Por outro lado, a posição largamente mais frequente, de todas as possíveis, é a de pai e mãe com ensino primário (cerca de um quarto do total dos grupos domésticos de origem). Outro caso notável de escolaridades equivalentes é o de pai e de mãe com ensino superior, embora no conjunto dos inquiridos representem só 7,1% dos grupos domésticos de origem (17,4% dos pais e 8,2% das mães, tomados separadamente). Situações assimétricas frequentes são as do L invertido do lado esquerdo da matriz, que representam várias combinações de pais com grau de escolaridade acima do da mãe, no ensino primário e secundário. E também as de pais com ensino superior e mães com os graus imediatamente

abaixo. Situações simétricas frequentes, para além das referidas para o primário e o superior, são também, embora em grau bastante menor que estas últimas, as dos níveis unificado e complementar do secundário e as do ensino médio.

Estas indicações, particularmente as referentes ao ensino superior, sugerem que a hipótese da importância de níveis próximos de escolaridade nas estratégias matrimoniais implícitas — que já valia, no passado, para as classes subalternas e destituídas de capital escolar — vale agora, cada vez mais, para as várias classes e fracções de classe escolarizadas.

O Quadro 4 mostra a composição sexual e etária dos estudantes inquiridos. A distribuição por sexos não é muito desequilibrada, embora Gestão tenha maior frequência masculina, enquanto Sociologia e Antropologia têm uma frequência feminina algo maioritária. Por outro lado, a população estudantil feminina é, em geral, mais jovem que a masculina.

QUADRO 4

Composição sexual e etária dos estudantes do ISCTE (%)

Escalões Etários	Sexos		Gestão 85/86		Sociologia 85/86		Antropologia 87/88	
	H	M	H	M	H	M	H	M
	63,1	36,9	40,8	59,2	46,4	53,7		
até 19 anos	20,3	31,4	3,4	8,3	30,8	66,7		
20-24 anos	34,3	39,7	20,7	47,6	23,1	20,0		
25-29 anos	15,9	19,0	24,1	16,7	—	6,7		
30-34 anos	10,1	5,0	15,5	7,1	38,5	6,7		
35-39 anos	6,8	4,1	5,2	3,6	7,7	—		
40 e mais	12,6	0,8	31,0	16,7	—	—		
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0		

Que representações têm os estudantes sobre o prestígio social de que são alvo, na sociedade portuguesa, as diversas licenciaturas? O Quadro 5 dá elementos de resposta a esta questão²⁰.

QUADRO 5

**Representações do prestígio social relativo
das licenciaturas (médias, numa escala de 0-10)**

Licenciaturas Estudantes inquiridos	Licenciaturas						
	Antropologia	Direito	Engenharia	Gestão	Línguas/ Literatura	Medicina	Sociologia
Primeiro ano Gestão (85/86)	3,9	7,9	8,2	7,8	5,4	8,7	4,6
Último ano Gestão (85/86)	3,9	7,8	7,8	7,6	5,2	8,6	4,6
Primeiro ano Sociologia (85/86)	4,6	8,5	8,4	7,1	5,1	8,9	5,3
Último ano Sociologia (85/86)	3,7	8,0	8,1	7,1	4,6	8,5	4,4
Primeiro ano Antropologia (87/88)	4,4	8,4	7,9	7,9	5,4	9,0	5,6

O que de mais significativo resulta do quadro é o facto de as respostas não variarem muito de curso para curso. Há, com efeito, uma certa unanimidade de avaliações quanto ao que constitui uma escala de prestígio socialmente atribuído, de uma forma geral, às diversas licenciaturas. Medicina, Direito e Engenharia são colocadas nos lugares mais elevados. Gestão segue-as de perto. Sociologia e Antropologia são vistas como ocupando posições desvalorizadas, semelhantes ou ligeiramente inferiores às de Línguas e Literatura. Dos primeiros para os últimos anos dos cursos de Gestão e Sociologia as avaliações baixam de forma sistemática, embora apenas ligeiramente²¹. Saliente-se que as representações sobre o posicionamento do curso de cada um não diferem muito das avaliações sobre ele produzidas pelos estudantes dos outros cursos do ISCTE.

Parece razoável admitir que as representações de um estudante sobre a licenciatura que frequenta, as práticas escolares desse estudante e as expectativas que acalenta quanto à futura profissão, dependam, em alguma medida, de ter tido ou não acesso à licenciatura que preferia quando entrou para a universidade. Os Quadros 6 e 7 dão elementos quanto às taxas de correspondência entre as escolhas formuladas pelos alunos na candidatura à universidade e as licenciaturas que efectivamente frequentam²².

QUADRO 6

«A licenciatura que frequenta foi a que escolheu como primeira preferência?» (%)

Cursos	Preferência	
	S I M	N Ã O
Gestão 85/86	88,6	11,4
Sociologia 85/86	86,5	13,5
Antropologia 87/88	36,7	63,3

QUADRO 7

As duas licenciaturas mais escolhidas na candidatura à Universidade (% para cada preferência)

Preferências	Cursos	Gestão 85/86	Sociologia 85/86	Antropologia 87/88
		Primeira preferência	Gestão (62,9) Outros (4,1)	Sociologia (66,9) (3,2) História (3,2) Direito (3,2)
Segunda preferência	Gestão (48,6) Outros (1,6)	Sociologia (16,6) (7,7)	Comunicação (25,0) Sociologia (21,4)	

O facto saliente, que poderá talvez surpreender na actual situação de acesso ao ensino universitário, é o de os cursos de Gestão e Sociologia serem frequentes em grande maioria por alunos que escolheram estas licenciaturas como primeira preferência.

QUADRO 8

Importância relativa das razões de escolha das licenciaturas, por cursos, sexos, condições perante o trabalho, e classes de origem (%)

Licenciaturas Razões de Escolha	Gestão 85/86		Sociologia 85/86		Gestão 85/86		Sociologia 85/86		Gestão 85/86		Sociologia 85/86					
	H	M	H	M	ENT	ET	B	PBTE	PBEA	PBPR	O	B	PBTE	PBEA	PBPR	O
Ter acesso a uma profissão qualificada e pelo menos razoavelmente remunerada	74,1	78,2	43,5	41,4	76,2	72,0	73,5	77,7	66,7	72,5	83,3	30,0	38,5	40,6	50,0	54,5
Poder vir a desenvolver um trabalho de que goste	77,8	75,8	74,2	79,3	75,8	78,8	80,9	82,5	71,0	70,6	78,6	80,0	76,9	68,8	73,3	86,4
Adquirir conhecimentos, completar a formação e desenvolver as potencialidades pessoais	66,5	70,2	61,3	66,7	63,4	76,3	72,1	61,2	71,0	72,5	66,7	65,0	61,5	53,1	70,0	81,8
Poder vir a contribuir para o avanço do conhecimento científico	5,7	3,2	6,5	17,2	5,3	4,2	2,9	5,8	5,8	5,9	—	20,0	15,4	21,8	3,3	9,1
Poder vir a contribuir para o enriquecimento cultural da sociedade	31,6	29,8	27,4	19,5	33,0	27,1	33,8	27,2	33,3	41,2	26,2	35,0	20,5	21,8	20,0	18,2
Dotar-se de preparação e competência susceptíveis de contribuir para o desenvolvimento socioeconómico do país	20,3	23,4	38,5	37,9	21,2	21,2	17,6	24,3	24,6	19,6	19,0	40,0	38,5	38,0	23,3	45,5
Adquirir conhecimentos e preparação para uma intervenção mais informada na vida social	2,8	7,3	2,8	3,8	5,3	3,4	—	3,9	8,7	3,9	7,1	5,0	2,6	6,3	—	4,5

No campo das representações sobre a licenciatura e a profissão, algumas indicações nucleares são fornecidas pelos quadros seguintes. No Quadro 8 comparam-se as representações dos estudantes de Gestão e Sociologia, quanto à hierarquia de razões que dizem ter presidido à escolha da licenciatura²³. Procura-se ainda verificar se há relações entre os perfis dessas razões de escolha e o sexo, a condição perante o trabalho e a classe de origem dos estudantes inquiridos em cada curso.

Tanto em Gestão como em Sociologia, a razão referida como mais importante é «poder vir a desenvolver um trabalho de que goste». Outra razão, muito mencionada pelos estudantes dos dois cursos, é a da possibilidade de «adquirir conhecimentos, completar a formação e desenvolver as potencialidades pessoais». No outro extremo, o das razões menos referidas, há também um paralelismo entre os dois cursos: a razão considerada menos importante é a referente à formação com preocupações de intervenção social.

Há também algumas diferenças interessantes entre as razões de escolha das respectivas licenciaturas, apontadas pelos estudantes de cada uma delas. «Ter acesso a uma profissão qualificada e pelo menos razoavelmente remunerada» é a segunda razão mais importante em Gestão, com um valor próximo da primeira. No entanto, em Sociologia, é uma razão de escolha que é referida por menos de metade dos inquiridos. A vontade de contribuir para o avanço do conhecimento científico foi uma baixa fonte de motivações para a escolha da licenciatura por parte dos estudantes entrevistados. Mas assume, apesar de tudo, um valor mais elevado em Sociologia. Não deixa de ser curioso que os estudantes de Sociologia se mostrem, neste contexto, comparativamente mais sensíveis ao desenvolvimento socio-económico do país e os de Gestão ao enriquecimento cultural da sociedade.

Em termos mais analíticos, as razões que, declaradamente, orientam as escolhas destes estudantes para as licenciaturas respectivas, assentam muito mais em vectores voltados para o próprio indivíduo (prazer na actividade profissional, desenvolvimento de potencialidades pessoais, boa remuneração) que em vectores voltados para a sociedade envolvente (avanço do conhecimento científico, enriquecimento cultural da sociedade, desenvolvimento socio-económico do país e intervenção informada na vida social). Os *valores egocentrados* predominam sobre os *valores sociocentrados*, enquanto motivação para a escolha e orientação para a frequência de ambas as licenciaturas.

Num outro eixo de análise, referente ao tipo de recompensas esperadas com a frequência da licenciatura e o exercício da profissão correspondente, encontra-se uma diferença assinalável entre os cursos. Enquanto os *valores de recompensa intrínseca* à aprendizagem e à futura profissão (aquisição de conhecimentos, formação pessoal, desenvolvimento de capacidades, trabalho de que se goste) são tidos pelos estudantes de ambos os cursos como recompensas altamente motivadoras, já os *valores de recom-*

pensa extrínseca (prestígio da qualificação, boa remuneração) aparecem como muito mais motivadores em Gestão que em Sociologia. Os *valores de recompensa moral* (o sentimento de gratificação decorrente das contribuições que se presta à sociedade, nos planos científico, cultural socio-económico e de intervenção na vida social) são tidos como menos importantes em ambos os cursos.

A variável sexo não introduz grandes variações neste domínio de representações, excepto talvez na maior importância relativa que as mulheres, em Sociologia, dão aos contributos para o desenvolvimento científico. A clivagem entre estudantes não-trabalhadores e estudantes-trabalhadores traduz-se, para o curso de Gestão, apenas num maior peso que os últimos dão à aquisição de conhecimentos, completamento da formação e desenvolvimento das capacidades pessoais. Em Sociologia, os estudantes-trabalhadores declaram-se menos movidos que os outros pela procura de maiores qualificações e remunerações ou por um trabalho de que gostem (embora esta última razão de escolha seja, ainda aqui, a que aparece em primeiro lugar). Em ambos os cursos, os estudantes de origem operária foram os mais sensíveis à procura de qualificação profissional e boa remuneração e dos menos sensíveis a contribuições para o avanço científico. No curso de Sociologia, aliás, a origem operária é correlativa das maiores pontuações dos valores egocentros. Um trabalho de que se goste foi, em geral, mais valorizado pelos estudantes oriundos da burguesia e da pequena-burguesia técnica e de enquadramento (em Sociologia, a origem operária também apresenta aqui uma posição muito elevada).

O Quadro 9 apresenta a importância relativa atribuída pelos estudantes inquiridos, a vários aspectos inerentes ao exercício de uma actividade profissional²⁴.

Os valores de recompensa intrínseca (em particular, o gosto pelo conteúdo do trabalho) aparecem, em ambos os cursos, como mais importantes que os valores de recompensa extrínseca, referentes a remuneração, autoridade (responsabilidade, chefia) e prestígio. Para além disso, os valores de recompensa extrínseca são sempre mais elevados em Gestão. Em contrapartida, a preocupação como conteúdo do trabalho, bem como outros aspectos de carácter predominantemente intrínseco ao exercício da actividade profissional (autonomia, criatividade), são mais valorizados pelos estudantes de Sociologia.

Correlacionando com o sexo, vê-se que os valores de recompensa extrínseca são, em geral, mais elevados para os homens que para as mulheres (excepto para a componente prestígio). O contrário acontece para os valores de recompensa intrínseca (gosto pelo conteúdo do trabalho e criatividade). Obter uma boa remuneração é também aqui menos decisivo para os estudantes-trabalhadores que para os outros, em ambos os cursos. Em termos de classe de origem, o valor mais referido (gosto pelo conteúdo intrínseco do trabalho) apresenta-se distribuído de forma razoavelmente homogênea.

QUADRO 9

Importância relativa, para o inquirido, de aspectos inerentes ao exercício de uma actividade profissional, por cursos, sexos, condições perante o trabalho e classes de origem (%)

Licenciaturas Atributos da profissão	Gestão 85/86		Sociologia 85/86		Gestão 85/86		Sociologia 85/86		Gestão 85/86		Sociologia 85/86									
	H	M	H	M	ENT	ET	ENT	ET	B	PBTE	PBEA	PBPRA								
Possibilidade de exercer um cargo de chefia	14,1	3,2	16,4	12,9	6,5	1,1	13,7	17,6	1,4	5,1	14,5	18,4	15,9	7,8	14,3	—	5,0	—	6,7	4,5
Possibilidade de assumir responsabilidade	39,1	20,4	45,5	34,7	24,2	18,2	39,6	45,4	22,2	20,3	40,9	38,8	29,0	51,0	45,2	15,0	22,5	12,5	20,0	31,8
Possibilidade de ter uma boa renumerção	51,4	37,6	56,3	51,6	40,3	38,6	55,5	52,9	43,1	35,4	49,3	62,1	58,0	51,0	42,9	50,0	27,5	40,6	40,0	40,9
Possibilidade de desenvolver um trabalho cujo conteúdo intrinseco lhe agrade	66,8	80,3	67,1	75,8	80,6	85,2	73,1	67,2	83,3	83,5	63,8	72,8	73,9	74,5	73,8	90,0	77,5	84,4	90,0	81,8
Possibilidade de ter uma profissão com prestígio	22,0	8,9	23,5	25,0	8,1	10,2	24,2	21,8	4,2	13,9	20,3	21,4	23,2	25,5	28,6	5,0	7,5	12,5	6,7	9,0
Possibilidade de ter grande autonomia no trabalho	32,6	33,1	35,7	33,9	35,5	34,1	33,9	36,1	31,9	36,7	37,7	34,0	31,9	25,5	47,6	20,0	47,5	40,6	30,0	31,8
Possibilidade de ser útil	20,7	37,6	20,2	24,2	35,5	42,0	24,2	17,6	41,7	36,7	18,8	22,3	29,0	19,6	19,1	45,0	37,5	31,3	33,3	45,5
Possibilidade de ser criativo	31,5	56,7	31,5	37,1	58,1	59,1	31,7	37,0	63,9	54,4	34,8	32,0	39,1	37,3	26,2	55,0	65,0	65,6	56,7	54,5

Ambos os quadros registam muitos outros aspectos cujo significado só se poderá aprofundar em análises mais exaustivas, confrontando-os com outros conjuntos de variáveis incluídas no questionário, referentes tanto a parâmetros de caracterização social como a sistemas de valores e representações. Tal não invalida, no entanto, que se apresente aqui uma tentativa de síntese sumária, em termos qualitativos, do posicionamento relativo dos estudantes de Gestão e Sociologia perante dois importantes eixos de classificação dos valores referentes às licenciaturas e às respectivas profissões. É o que se procura fazer na Tabela 4.

TABELA 4

Configurações de valores respeitantes às licenciaturas e profissões

Valores		Licenciaturas	Gestão 85/86	Sociologia 85/86
Valores de orientação ego/sócio	Valores egocentrados		+	+
	Valores sociocentrados		—	—/(+)
Valores de recompensa	Valores de recompensa intrínseca		+	++
	Valores de recompensa extrínseca		+	—/(+)
	Valores de recompensa moral		—	—/(+)

3. PAINÉIS DIACRÓNICOS

A detecção de tendências de evolução nas origens sociais e nos quadros de valores dos estudantes é limitada pelo facto de ainda não se dispor, neste momento, de um conjunto significativo de sequências temporais. No entanto, algumas considerações se podem avançar relativamente à licenciatura em Sociologia²⁵.

Quanto à origem de classe, mantêm-se os traços fortes já identificados atrás, como se pode ver no Quadro 10. A pequena burguesia continua a ser o espaço social de origem da grande maioria dos estudantes, confirmando-se o peso relativo de uma das suas fracções, a pequena-burguesia técnica e de enquadramento, que em 1987-1988 atinge valores superiores a 30%. Por outro lado, mantêm-se, apesar de algumas oscilações nos respectivos valo-

res, o panorama da sobre-representação e da sub-representação, respectivamente, do operariado e da burguesia, face à composição de classe da sociedade portuguesa.

QUADRO 10

Classe dos grupos domésticos de origem dos estudantes do primeiro ano da licenciatura de Sociologia, em três anos lectivos sucessivos

Anos lectivos		Sociologia 85/86		Sociologia 86/87		Sociologia 87/88		Total	
		N	%	N	%	N	%	N	%
Burguesia	BEP	9	9,9	11	12,1	6	9,2	26	10,5
	BDP	3	3,3	7	7,7	1	1,5	11	4,5
		12	13,2	18	19,8	7	10,7	37	15,0
Pequena-burguesia	PBTE	25	27,5	26	28,6	20	30,8	71	28,7
	PBE	16	17,6	21	23,1	13	20,0	50	20,2
	PBPR	10	11,0	9	9,9	6	9,2	25	10,1
	C	3	3,3	1	1,1	—	—	4	1,6
	CP	1	1,1	—	—	1	1,5	2	0,8
	PBP	6	6,7	5	5,5	2	3,1	13	5,3
	PBAP	7	7,7	3	3,3	7	10,8	17	6,9
	68	74,7	65	71,4	49	75,4	182	73,7	
Operariado	OI	7	7,7	3	3,3	4	6,2	14	5,7
	OA	—	—	—	—	1	1,5	1	0,4
	OP/OIA	4	4,4	5	5,5	4	6,2	13	5,3
		11	12,1	8	8,8	9	13,9	28	11,3
Total		91	100,0	91	100,0	65	100,0	247	100,0

Relativamente ao capital escolar de origem, o ensino básico primário continua a ser a escolaridade mais frequente dos pais e mães dos estudantes do ISCTE. A diminuição de valores que aí se pode notar (Quadro 11) — 46,6% em 1985/1986 e 38,9% em 1987/1988 — e o aumento nos valores dos níveis médios e superiores de escolaridade — o ensino secundário com 28,0% e 32,0% e o ensino superior com 15,4% e 19,9%, respectivamente —, em si próprios, não permitem falar de tendências. Poderão ser, no entanto, expressão de um crescimento do nível médio de escolaridade da população portuguesa, crescimento que é plausível se pensarmos nos baixos valores de partida, e aparece globalmente verificado nas estatísticas oficiais.

QUADRO 11

Capital escolar de origem
(média do grupo doméstico por níveis de escolaridade)

Níveis de escolaridade \ Anos lectivos	Sociologia 85/86	Sociologia 86/87	Sociologia 87/88
Sem escolaridade formal	10,1	7,1	9,1
Ensino Primário	46,1	41,5	38,9
Ensino Preparatório e Secundário	28,1	25,6	32,0
Ensino Médio e Superior	15,4	26,0	19,9
TOTAL	100,2	100,2	99,9

Em termos de composição sexual e etária (Quadro 12), verifica-se por um lado um aumento substancial de população feminina; por outro lado, comparando as estruturas etárias dos dois sexos é visível uma maior proximidade nos valores dos escalões mais jovens representados na estrutura geral das idades.

Para além dos factores não controláveis nesta análise, tais como variações na nota média de entrada para o curso, a maior visibilidade pública que terá uma licenciatura, a qual, poucos anos atrás, era relativamente desconhecida, poderá ter normalizado o acesso ao curso de Sociologia do ISCTE, aproximando o perfil etário dos seus estudantes daquele que, geralmente, se pode encontrar na universidade.

QUADRO 12

Composição sexual e etária (%)

Anos lectivos	Sociologia 85/86		Sociologia 86/87		Sociologia 87/88	
	H	M	H	M	H	M
Escalões etários	47,3	52,7	30,8	69,2	30,3	69,7
Até 19 anos	4,6	14,3	17,9	17,5	35,0	32,6
20-24 anos	20,5	42,9	42,9	55,6	25,0	39,1
25-29 anos	15,9	8,2	17,9	11,1	15,0	10,9
30-34 anos	13,6	10,2	7,1	6,3	15,0	8,7
35-39 anos	6,8	2,0	10,7	6,3	5,0	4,3
40 e mais	38,6	22,4	3,6	3,2	5,0	4,3
TOTAL	100,0	100,0	100,1	100,0	100,0	99,9

Quanto ao prestígio social atribuído às diferentes licenciaturas (Quadro 13), as representações dos estudantes de Sociologia, ao longo de três anos, não alteram a configuração geral já detectada para o conjunto dos estudantes da escola. Mantém-se a hierarquia estabelecida entre elas, sendo de notar um aumento de valorização da licenciatura em Sociologia por parte daqueles que a frequentam.

Outro aspecto a assinalar, neste quadro, é o aumento regular do prestígio atribuído a cada uma das licenciaturas, no terceiro ano da sequência em análise²⁶.

QUADRO 13

**Representações de prestígio social relativo das licenciaturas,
(médias, numa escala de 0-10)**

Licenciaturas avaliadas Estudantes inquiridos	Antropologia	Comunicação	Direito	Engenharia	Gestão	Informática	Línguas/ Literatura	Medicina	Psicologia	Sociologia
	Primeiro ano Sociologia (85/86)	4,6	—	8,5	8,4	7,1	—	5,1	8,9	—
Primeiro ano Sociologia (86/87)	3,7	5,8	7,8	7,7	7,1	7,6	5,2	8,5	5,9	5,0
Primeiro ano Sociologia (87/88)	4,8	6,4	8,6	8,3	7,7	8,3	5,8	9,0	6,4	6,1

Os Quadros 14 e 15 dão-nos elementos sobre a evolução das preferências dos estudantes na candidatura à universidade, e aí se pode ver que a frequência da licenciatura escolhida continua a ser, com algum decréscimo, a situação largamente mais comum dos estudantes de Sociologia. Como outras escolhas aparecem, embora com valores muito inferiores, Direito e Antropologia.

QUADRO 14

«A licenciatura que frequenta foi a que escolheu como primeira preferência?» (%)

Cursos	Preferência	
	S I M	N Ã O
Sociologia 85/86	85,4	13,5
Sociologia 86/87	71,3	28,7
Sociologia 87/88	70,3	29,7

QUADRO 15

As duas licenciaturas mais escolhidas na candidatura à universidade (% para cada preferência)

Cursos Referências	Sociologia 85/86	Sociologia 86/87	Sociologia 87/88
Primeira Preferência	Sociologia (80,0) Direito (6,3) Antropologia (6,3)	Sociologia (55,2) Direito (12,5)	Sociologia (69,2) Direito (13,8)
Segunda Preferência	Sociologia (37,1) Antropologia (19,4)	Sociologia (28,1) Antropologia (17,7)	Sociologia (35,4) Antropologia (20,0)

A análise das respostas sobre a importância relativa de um conjunto de razões de escolha da licenciatura que se frequenta²⁷, revela que as duas a que é dada maior importância continuam a ser a possibilidade de desenvolvimento de um trabalho de que se goste e a aquisição de conhecimentos, completamento da formação e desenvolvimento das potencialidades pessoais (Quadro 16).

Estas respostas mantêm sempre valores elevados quando distribuídos por sexo, por condições perante o trabalho e por origens de classe. No interior do padrão geral é possível verificar, no entanto, algumas variações significativas.

Uma, é o surgimento da aquisição de conhecimentos e preparação para uma intervenção mais informada na vida social enquanto terceira razão mais referida como muito importante. A interpretação desta variação parece passar, em boa parte, pela forma da pergunta. Quando confrontados com a escolha de apenas três razões em sete, o acesso a uma profissão qualificada e pelo menos razoavelmente remunerada impõe-se como terceira escolha nas respostas dos estudantes, o que já não acontece quando a passagem a uma escala de importância torna as respostas mais temperadas e mais distribuídas.

Outro aspecto, é o facto de o conjunto de razões que temos designado por egocentradas decrescer de um ano para outro, enquanto que o conjunto das razões sociocentradas passa a ser mais valorizado.

Um terceiro aspecto a referir é a relação das razões globalmente mais importantes com a condição dos estudantes perante o trabalho. Para os estudantes não-trabalhadores a razão de escolha mais valorizada é a possibilidade de virem a desenvolver um trabalho de que gostem, enquanto que os estudantes-trabalhadores dão mais importância à aquisição de conhecimentos, ao completamento da formação e ao desenvolvimento das capacidades pessoais.

Se para os estudantes não-trabalhadores este resultado poderá ser a expressão de expectativas profissionais ligadas à proximidade de inserção no mercado de trabalho, já para os estudantes-trabalhadores parece ser a manifestação de um maior distanciamento face a uma imediata instrumentalidade do curso. O facto de os primeiros valorizarem claramente mais que os segundos o acesso a uma profissão qualificada e, pelo menos, razoavelmente remunerada, fornece indicações que parecem ir no mesmo sentido.

Finalmente, se virmos a distribuição das razões mais importantes pelas origens de classe dos estudantes, não detectamos qualquer padrão para o conjunto das respostas. Parece, apenas, haver uma maior valorização da possibilidade de desenvolvimento de um trabalho de que gostem, por parte dos oriundos do operariado, enquanto que para os estudantes de origem burguesa parece ser de maior importância a aquisição de conhecimentos e o desenvolvimento das potencialidades pessoais.

Não é possível, aqui, uma análise sistemática de correlações entre o conjunto de representações associado à escolha da licenciatura e ao desenvolvimento, presente ou futuro, de uma actividade profissional e as inserções sociais dos estudantes. Isso exigiria, por um lado, uma evidência empírica maior e mais variada que a de até ao momento dispomos, e, por outro lado, o recurso a um leque mais amplo dos indicadores disponíveis no questionário utilizado: seria o caso das perguntas dirigidas, globalmente, à captação de projectos de vida e cenários de realização pessoal.

No entanto, do conjunto de informação patente no Quadro 17, é possível apontar alguns aspectos particulares dentro da configuração geral das respostas.

Assim, relativamente àquilo que aparece mais salientado no desenvolvimento de uma actividade profissional, é de notar que os estudantes-trabalhadores valorizam sempre mais que os estudantes não-trabalhadores a remuneração, a autonomia e a possibilidade de serem criativos, ainda que estes não sejam, em termos absolutos, os aspectos considerados mais importantes. Uma vez que se trata de dimensões mais visíveis, naturalmente, para quem já exerce uma actividade profissional, poderá estar-se aqui perante um efeito de diferenças biográficas que são significativas, justamente, no plano das condições perante o trabalho.

Já na distribuição sexual deste conjunto de representações não parece haver, globalmente, correlações significativas. Nos dois anos em análise não há variações concordantes, sendo os vários aspectos ligados ao exerci-

QUADRO 16

Importância relativa das razões de escolha da licenciatura (%)

Anos lectivos Razões de escolha	Sociologia 86/87		Sociologia 87/88		Sociologia 86/87			Sociologia 87/88			Sociologia 86/87			Sociologia 87/88						
	H	M	H	M	ENT	ET	B	PBTE	PBEA	PBPRA	O	B	PBTE	PBEA	PBPRA	O				
Ter acesso a uma profissão qualificada e pelo menos razoavelmente remunerada	24,0	15,6	10,7	29,7	15,0	15,9	23,7	22,9	21,6	7,4	33,3	11,5	23,1	15,4	37,5	14,3	11,8	20,0	12,5	11,1
Poder vir a desenvolver um trabalho de que goste	74,0	73,6	75,0	75,0	80,0	70,5	79,7	65,7	70,3	77,8	72,2	76,9	73,1	61,5	87,5	57,1	88,2	93,3	50,0	66,6
Adquirir conhecimentos, completar a formação e desenvolver as potencialidades pessoais	78,1	67,2	85,7	76,6	65,0	68,2	74,6	88,6	54,1	85,2	83,3	73,1	80,8	92,3	50,0	71,4	70,6	86,7	50,0	66,6
Poder vir a contribuir para o avanço do conhecimento científico	22,9	14,1	21,4	23,4	10,0	15,9	25,4	20,0	2,7	29,6	22,2	23,1	23,1	15,4	50,0	14,3	17,6	6,7	18,8	22,2
Poder vir a contribuir para o enriquecimento cultural da sociedade	22,9	26,6	14,3	26,6	20,0	29,5	25,4	20,0	18,9	37,0	27,8	15,4	26,9	30,8	12,5	—	17,6	46,7	25,0	22,2
Dotar-se de preparação e competência susceptíveis de contribuir para o desenvolvimento socioeconómico do país	18,8	26,6	10,7	21,9	25,0	27,3	22,0	14,3	16,2	40,7	33,3	15,4	15,4	7,7	37,5	14,3	35,3	20,0	37,5	22,2
Adquirir conhecimentos e preparação para uma intervenção mais informada na vida social	49,0	56,3	53,6	46,9	55,0	56,8	49,2	48,6	48,6	66,7	66,7	34,6	50,0	53,8	37,5	57,1	70,6	53,3	50,0	33,3

cio de uma profissão umas vezes mais postos em relevo pelos estudantes, outras vezes pelas estudantes. Apenas a possibilidade de ter uma profissão com prestígio é sempre mais valorizada pela população feminina, quer nos «painéis diacrónicos», quer nos «painéis transversais», ainda que em valores absolutos não seja das dimensões mais referidas.

Relativamente à relação das respostas dadas com as origens de classe dos estudantes, também, não se encontram correlações fortes, o que está certamente ligado à especificidade da condição de classe dos jovens e, em particular, dos estudantes universitários. Desta forma se pode compreender que os valores obtidos tenham, para a mesma classe ou fracção de classe de origem, oscilações em sentidos contrários no conjunto dos painéis analisados. É neste quadro de relativização que têm de se situar constatações como a de serem os estudantes de origem burguesa que mais valorizam a possibilidade de exercer um cargo de chefia ou de a remuneração profissional ser tendencialmente mais importante para os oriundos do operariado e da pequena-burguesia proprietária.

4. UMA PESQUISA A PROSEGUIR

Duas ordens de limitações, já de resto referidas, estão na base da modestia destes primeiros resultados que o texto propôs: a voluntária restrição a explorar apenas algumas das variáveis que o questionário reteve e o arco temporal ainda pouco sinificativo que o inquérito percorre.

Quanto a este último aspecto importa sublinhar que, não dando três aplicações anuais sucessivas evidência empírica suficiente para a avaliação de tendências, a própria repetição tem desde já o inegável mérito de mostrar se qualquer delas, isoladamente, se integra ou não numa «normalidade» de observação. No nosso caso, sem prejuízo de algumas variações de que se deu conta, verifica-se um claro padrão de conjunto que contribui para dar confiança a cada uma das aplicações.

Alguns resultados, bem como conjecturas interpretativas que para eles, nalguns casos, ficaram propostas, terão acima de tudo a vantagem de clarificar problemas de pesquisas centradas em valores e representações dos estudantes. A posterior análise de mais elementos, assim como outros trabalhos, hão-de ir contribuindo com soluções para tais problemas.

A uniformidade relativa de respostas em vários quesitos destinados a avaliar valores e representações, sobrepondo-se assim, ao menos aparentemente, às clivagens que poderiam resultar de diferentes origens de classe, de diferenças etárias, ou de diferenças de sexo, sugerem uma última observação. É a de que a escola universitária poderá precisamente constituir a esse nível um factor de homogeneização mais poderoso que habitualmente se admite. Por um lado, ela prolonga intensas socializações parcialmente interclassistas, que se exercem no quadro do sistema de ensino, desde ida-

QUADRO 17

Importância relativa, para o inquirido, de aspectos inerentes ao exercício de uma actividade profissional (%).

Anos lectivos	Sociologia 86/87		Sociologia 87/88		Sociologia 86/87		Sociologia 87/88		Sociologia 86/87				Sociologia 87/88					
	H	M	H	M	ENT	ET	ENT	ET	B	PBTE	PBEA	PBPRA	O	B	PBTE	PBEA	PBPRA	O
Possibilidade de exercer um cargo de chefia	25,0	10,9	5,0	14,9	18,6	11,4	12,5	11,1	27,8	7,7	23,1	—	25,0	28,6	10,0	6,7	14,3	—
Possibilidade de assumir responsabilidades	42,9	34,4	30,0	48,9	39,0	34,3	37,5	59,3	50,0	50,0	26,9	7,7	50,0	57,1	35,0	46,7	57,1	55,6
Possibilidade de ter uma boa remuneração	60,7	51,6	30,0	48,9	52,5	57,1	40,0	48,1	50,0	50,0	53,8	69,2	62,5	14,3	30,0	53,3	57,1	55,6
Possibilidade de desenvolver um trabalho cujo conteúdo intrinseco lhe agrade	89,3	90,6	95,0	97,9	89,8	91,4	100,0	92,6	94,4	100,0	88,5	92,3	75,0	100,0	95,0	93,3	100,0	100,0
Possibilidade de ter uma profissão com prestígio	17,9	26,6	10,0	31,9	27,1	17,1	22,5	29,6	27,8	23,1	26,9	7,7	25,0	28,6	20,0	20,0	35,7	33,3
Possibilidade de ter grande autonomia no trabalho	53,6	46,9	50,0	42,6	44,1	57,1	42,5	48,1	50,0	46,2	61,5	38,5	50,0	42,9	35,0	40,0	57,1	66,7
Possibilidade de ser útil	50,0	57,8	70,0	63,8	61,0	45,7	62,5	70,4	61,1	61,5	53,8	46,2	50,0	50,0	42,9	75,0	80,0	64,3
Possibilidade de ser criativo	64,3	75,0	85,0	66,0	71,2	71,4	70,0	74,1	72,2	76,9	73,1	69,2	62,5	57,1	70,0	73,3	71,4	77,8

des infantis, ao mesmo tempo que uniformiza formas de aprendizagem e saberes adquiridos. Por outro, a universidade está no limiar do acesso a actividades profissionais tendencialmente qualificadas, que mesmo se os tempos de crise podem em parte comprometer, não deixam de se inscrever como o grande objectivo e o mais importante efeito esperado da sua frequência.

O destino virtual, bem como a sua antecipação no plano das representações e dos sistemas de disposições, estarão assim a produzir nos estudantes efeitos convergentes com os outros efeitos que a instituição por si própria também promove.

Novas evidências empíricas, provenientes da aplicação do questionário em outras escolas e em outras regiões, hão-de mostrar até que ponto esses efeitos de homogeneização se confirmam e também se diferenciam significativamente de curso para curso e de instituição para instituição.

NOTAS

¹ Além das licenciaturas em Gestão, Sociologia e Antropologia do Instituto Superior de Ciência do Trabalho e da Empresa (ISCTE), em Lisboa, o questionário foi já aplicado nas licenciaturas em Comunicação Social, Sociologia, Antropologia e Engenharia Informática da Universidade Nova de Lisboa, em Gestão, Hortofruticultura e Biologia Marinha da Universidade do Algarve (com o apoio do Gabinete de Antropologia Ecológica) e nos cursos da Escola Náutica Infante D. Henrique, estando em curso a sua aplicação noutras escolas e licenciaturas. Aos docentes e estudantes que colaboraram nestes levantamentos queremos exprimir publicamente os nossos agradecimentos. É também de toda a justiça mencionar o excelente trabalho realizado por Isabel Valente e Isabel Garcias no tratamento primário da informação. A apresentação de outros resultados de todo esse conjunto de aplicações do questionário será feita em próximas oportunidades.

² O apoio financeiro para o tratamento informático da informação tem sido obtido graças à compreensão manifestada pelo Conselho Directivo do ISCTE. Agradecemos também o apoio da Associação Portuguesa de Informática. O projecto «Estudantes Universitários: Classes Sociais e Representações», em que o inquérito se insere, está também inscrito nas actividades do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES/ISCTE). Por outro lado, tem sido desenvolvido em ligação com o programa de pesquisas sobre «As Classes Médias Urbanas em Portugal: Recomposição Social e Mudança Cultural», em curso no Instituto de Ciências Sociais (ICS), com apoio da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica (JNICT).

³ É o caso das cadeiras de Sociologia Geral, Metodologia das Ciências Sociais, Estatística para as Ciências Sociais e Informática para as Ciências Sociais.

⁴ Nomeadamente, o projecto sobre «As Culturas Políticas em Portugal», de Franz Heimer, Jorge Vala e José Manuel Viegas, em curso no CIES/ISCTE.

⁵ Na construção destes indicadores colaboraram Idalina Conde, Anália Torres, Jorge Vala e José Manuel Viegas.

⁶ Do vasto conjunto de bibliografia que aborda estas questões, constituem marcos assinaláveis, Nicos Poulantzas, *Les classes sociales dans le capitalisme aujourd'hui*, Paris, Seuil, 1974, Anthony Giddens, *A Estrutura de Classes das Sociedades Avançadas*, Rio de Janeiro, Zahar, 1975 (ed. org. 1973), Daniel Bertaux, *Destinos Pessoais e Estrutura de Classes*, Lisboa, Moraes, 1978 (ed. orig. 1977), Pierre Bourdieu, *La distinction — critique sociale du ju-*

gement, Paris, Minuit, 1971, Erik Olin Wright, *Classe, Crise e o Estado*, Rio de Janeiro, Zahar, 1981 (ed. orig. 1978) e *Classes*, London, Verso Editions, 1985. Contribuições teóricas e aplicações em investigações empíricas sobre a realidade portuguesa podem encontrar-se, por exemplo, em João Ferreira de Almeida, «Alguns problemas de teoria das classes sociais», *Análise Social*, n.º 66, 1981 e *Classes Sociais nos Campos — camponeses parciais numa região do Noroeste*, Lisboa, Edições do ICS, 1986, em António Firmino da Costa «Alfama: entropo de mobilidade social», *Cadernos de Ciências Sociais*, n.º 2, 1983, e em António Firmino da Costa e Fernando Luís Machado, «Meios populares e escola primária», *Sociologia — Problemas e Práticas*, n.º 2, 1987.

⁷ João Ferreira de Almeida, «Alguns problemas de teoria das classes sociais», op. cit. p. 241.

⁸ Ver Pierre Bourdieu, *La distinction*, op. cit.

⁹ Ver Erik Olin Wright, *Classes*, op. cit.

¹⁰ Por exemplo, as utilizadas nas obras referidas de autores como Nicos Poulantzas, Anthony Giddens e Pierre Bourdieu.

¹¹ Por exemplo, as usadas por Daniel Bertaux e Erik Olin Wright, nas obras referidas.

¹² A matriz é do mesmo tipo que a utilizada pelo Instituto Nacional de Estatística para a construção de Grupos Socioeconómicos e que a utilizada por João Ferrão em «Evolução e Estrutura Regional das Classes Sociais em Portugal (1960-1970)», *Finisterra*, n.º 34, 1982 e em «Recomposição social e estruturas regionais de classes (1970-1981)», *Análise Social*, n.ºs 87-88-89, 1985. As variáveis primárias complementares foram utilizadas em certas situações. Na discriminação entre BEP e PBPR, tomou-se em conta a proporção entre o número de familiares e não familiares trabalhadores na empresa. Considerou-se pertencerem à PBPR os casos em que o número de familiares trabalhadores na empresa é igual ou superior ao de não familiares. Trata-se, portanto, aqui, de um esclarecimento complementar em relação à variável «situação na profissão». As variáveis «escolaridade», «posição hierárquica» e «ramo de actividade» foram tomados em conta como complemento da variável «profissão», nos casos em que esta não dava por si só informação suficientemente precisa susceptível de discriminar entre certas fracções de classe.

¹³ Para não alongar as referências de uma vasta bibliografia refiram-se, exemplificativamente, o número temático sobre «A pequena agricultura em Portugal» da *Revista Crítica de Ciências Sociais* (n.º 7/8, 1981), de José Madureira Pinto, *Estruturas Sociais e Práticas Simbólico-Ideológicas nos Campos*, Porto, Afrontamento, 1985 e de João Ferreira de Almeida, *Classes Sociais nos Campos*, Lisboa, Edições do ICS, 1986.

¹⁴ Em Gestão e Sociologia, os resultados referem-se à aplicação no primeiro e último ano de cada curso, em 1985/1986. Quanto a Antropologia, curso de criação mais recente no ISCTE, os dados apresentados dizem respeito ao primeiro ano, de 1987/1988, altura em que foi possível começar a obter dados autonomizados deste curso. Em todos os casos, os questionários foram aplicados durante as aulas, a todos os alunos presentes no dia da aplicação.

¹⁵ Aplicações feitas no primeiro ano da licenciatura de Sociologia, nos anos lectivos de 1985/1986, 1986/1987 e 1987/1988. Na aplicação do questionário e no tratamento dos dados contou-se com a colaboração da equipa docente da cadeira de Sociologia Geral (Maria das Dores Guerreiro, Joaquim Gil Nave, Ana Cristina Batista, Fátima Freitas e Luís Capucha). Os dados referentes aos anos lectivos de 1985/1986 e 1986/1987 incluem respostas de alguns alunos de Antropologia.

¹⁶ Pode fazer-se um cálculo aproximado dos índices de probabilidade relativa de as várias classes e fracções de classe terem filhos nos cursos do ISCTE. Tomámos para isso os valores do Quadro 1 e comparámo-los com os obtidos por João Ferrão, a partir do Censo de 1981, em «Recomposição social e estruturas regionais de classes (1970-1981)», op. cit. Como estes últimos valores se referem a indivíduos e os do Quadro 1 a grupos domésticos, a comparação não é exacta. Duas aproximações são possíveis. Uma é tomar os dados nacionais respeitantes ao total da população activa. Outra é tomar apenas a população activa masculina, admitindo que, na maioria dos casos, a classe do grupo doméstico é a mesma que a daquele último. No primeiro caso, os maiores erros que se cometem são provavelmente erros de sobredimensionamento relativo das fracções de classe com mais efectivos femininos (e, portanto, os

índices respectivos aqui calculados pecam por defeito). No segundo caso, é provável que se cometam sobretudo erros de subdimensionamento relativo de algumas fracções da pequena-burguesia assalariada (e portanto, os índices a elas referentes pecam, neste caso, por excesso). Os valores indicados no quadro seguinte servem, pois, enquanto balizas enquadradoras. Não se apresentam índices para Antropologia porque o número de inquiridos é, para efeitos destes cálculos, demasiado reduzido. No entanto, qualitativamente, o panorama é idêntico ao das outras licenciaturas.

	Gestão 85/86		Sociologia 85/86	
	H+M	H	H+M	H
B	15,7	12,0	8,0	8,0
PBTE	13,0	24,3	8,8	22,0
PBEA	2,7	5,3	2,3	6,0
PBPRA	2,7	3,0	2,0	2,7
O	1,0	1,0	1,0	1,0

Os valores que se apresentam neste quadro são índices comparativos da probabilidade diferencial que cada classe tem de os filhos dos seus grupos domésticos estarem colocados num dos cursos do ISCTE. Tomou-se para unidade a probabilidade mais baixa, ou seja, a de frequentarem os cursos do ISCTE filhos de grupos domésticos operários. Os outros índices traduzem o número de vezes que a probabilidade de os grupos domésticos de cada um dos outros lugares de classe verem filhos colocados num dos cursos do ISCTE é maior que a dos grupos domésticos pertencentes ao operariado. Exemplificando, a probabilidade de um filho de burgueses frequentar o curso de Gestão é de entre 12,0 e 15,7 vezes maior que a de um filho de operários.

¹⁷ No gráfico designaram-se por estudantes não-trabalhadores (ENT) os estudantes dos turnos diurnos e por estudantes-trabalhadores (ET) os dos turnos nocturnos. A correlação entre os turnos e as condições perante o trabalho é muito alta, embora nos turnos diurnos haja um pequeno número de estudantes-trabalhadores.

¹⁸ Os dados nacionais utilizados foram os do XII Recenseamento Geral da População, de 1981, publicados pelo Instituto Nacional de Estatística. As relações entre a estrutura de escolaridade dos pais e das mães dos inquiridos e a estrutura das escolaridades dos totais nacionais de homens e mulheres com idade igual ou superior a quarenta anos, são as que se indicam no quadro seguinte. Como se vê as proporções só são iguais para as mães que frequentaram o ensino primário.

	Gestão 85/86		Sociologia 85/86	
	P	M	P	M
Sem escolaridade formal	0,2	0,2	0,3	0,3
Ensino primário	0,5	1,0	0,8	1,0
Ensino preparatório e secundário	3,3	4,7	3,0	4,3
Ensino médio e superior	7,2	6,8	4,3	5,2

¹⁹ As percentagens são aqui calculadas para o conjunto dos inquiridos de Gestão (85/86), Sociologia (85/86, 86/87, 87/88) e Antropologia (87/88).

²⁰ As escalas utilizadas no questionário incluem comparações entre vinte e uma áreas de licenciatura. Incluímos no Quadro 5 apenas algumas delas.

²¹ Uma aferição mais completa dos efeitos de trajecto escolar só poderá ser realizada quando se voltar a inquirir, no último ano, os estudantes que responderam ao questionário no primeiro ano de frequência das respectivas licenciaturas.

²² No Quadro 7, as percentagens são calculadas sobre um total que inclui as não respostas. Os valores apresentados em cada um das duas primeiras preferências correspondem às licenciaturas com maiores percentagens em cada uma delas.

²³ Ou à continuação da respectiva frequência, nos casos dos estudantes que se encontram a frequentar uma licenciatura diferente da preferida inicialmente.

Para cada uma das razões, o valor indicado representa a percentagem de estudantes inquiridos que a considera incluída entre as três mais importantes, de entre as sete propostas.

²⁴ Tal como para o quadro anterior, o valor indicado representa, para cada um dos atributos do exercício de uma actividade profissional, a percentagem de estudantes inquiridos que o considera incluído entre os três mais importantes, de entre os oito propostos.

²⁵ Mantêm-se, neste ponto, a lógica de construção de dados e as categorias analíticas utilizadas até aqui.

²⁶ O teste feito a uma hipotética correlação desta distribuição de valores com a origem de classe e o capital escolar de origem dos estudantes não permitiu conclusões positivas.

²⁷ Esta análise diz respeito apenas a dois anos, porque o facto de no primeiro ano de aplicação do questionário a pergunta ter tido outra formulação torna a comparação imprecisa. A pergunta, na sua forma actual, implica a classificação de cada uma das sete razões numa escala de «Muita importância», «Alguma importância», «Pouca importância» e «Nenhuma importância». Apresentam-se aqui, apenas, as percentagens na posição «Muita importância». Apresentam-se aqui, apenas, as percentagens na posição «Muita importância». Todas estas considerações se aplicam, também, ao Quadro 17.